



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS**

ÉRIKA CARLA EPIFANIO

**A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA CULTURAL NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE DOS ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL 2**

RECIFE

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

ÉRIKA CARLA EPIFANIO

**A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA CULTURAL NA CONSTRUÇÃO
DA IDENTIDADE DOS ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL 2**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, como requisito para a obtenção do título de licenciada em Geografia.

Orientador(a): Professor Dr. Caio Augusto Amorim Maciel.

RECIFE

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Epifanio, Érika Carla.

A importância do ensino de Geografia Cultural na construção da identidade dos estudantes do ensino fundamental 2 / Érika Carla Epifanio. - Recife, 2024. 58 p. : il., tab.

Orientador(a): Caio Augusto Amorim Maciel

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Geografia - Licenciatura, 2024.

Inclui referências.

1. currículo escolar. 2. escola. 3. ensino de geografia. 4. geografia cultural. 5. interdisciplinaridade. I. Maciel, Caio Augusto Amorim. (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

ÉRIKA CARLA EPIFANIO

**A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA CULTURAL NA CONSTRUÇÃO
DA IDENTIDADE DOS ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL 2**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Aprovado em: 16/10/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Me. Anthony de Pádua Azevedo Almeida (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Pedro Paulo Pinto Maia Filho (Examinador Externo)
Universidade Federal do Vale do São Francisco

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter traçado toda a trajetória de maneira perfeita. Um caminho por onde nunca imaginei andar, tornou-se a minha rota preferida. Enquanto eu nem imaginava nada, Ele já sabia de tudo e fez com que todas as situações — as agradáveis e as mais desafiadoras — fossem rochas firmes que ajudaram a trilhar os meus passos para uma nova e grandiosa fase da minha vida.

O que falar da minha família? Minha mãe, D. Maria Lúcia que sempre lutou por mim e por minha irmã. Que em meio a tantos desafios, lutas, dores, incertezas nunca desistiu e, hoje, celebra conosco, continua lutando por nós, que se alegra conosco e que comemora essa minha grande conquista. Minha não, nossa! Nada é meu só. Obrigada por me amar. Eu te amo incondicionalmente.

Agradeço a meu pai, senhor Higino Epifanio a quem herdei esse sobrenome marcante. Homem trabalhador que sempre lutou pelo nosso pão, que é a representação de luta, resistência, força e amor. Meu pai que me ensina mais sobre agricultura do que qualquer especialização desse mundo inteiro. Obrigada por tudo, pai. Eu te amo tanto.

Ah, minha irmã Élide Cristina... O que falar de você? As palavras mais fortes e mais doces de incentivo vieram da sua boca e fizeram toda, TODA a diferença nessa longa e dura jornada. “O que seria de mim sem tu?” — não poderia deixar de escrever nossa frase aqui. Sou grata a Deus por ter me dado uma “irmã” confiante, que sempre pudesse contar e que cuida tão bem de mim. Te amo mil milhões.

Neste trabalho falarei sobre “base” e “alicerce” e vocês são os meus. Deus e vocês, família.

Aos amigos por toda a força de sempre. Obrigada por acreditarem em mim. Ao professor Pedro Maia por toda a ajuda, orientação e paciência durante a construção desse trabalho; muito obrigada de verdade, professor. Ao professor Caio Maciel por suas riquíssimas contribuições durante a minha formação. Sem seus ensinamentos, esse trabalho não seria possível. Obrigada por me proporcionar tudo isso.

A educação exige os maiores cuidados
porque influi sobre toda a vida.

(Sêneca)

PRÓLOGO

Início esse prólogo
Com palavras a rimar
Ele tem o objetivo de meu TCC explicar.
Por que esse tema?
Por que essa escola?
Espera que vou te contar
Agora e sem demora.

Escolhi essa escola
Por motivos especiais
Foi meu primeiro estágio
Onde aprendi coisas demais.
Além de no meu bairro estar localizada
E de ter turmas encantadoras
Foi com esses adolescentes, com essa meninada
Que eu aprendi, na prática, o que é ser professora.

Sobre a escolha do tema
Vou te contar agorinha
Se segura nesse rima
Que eu vou te dar uma explicadinha.

Era um dia ensolarado
E eu escutava o som da patativa
Peguei meu *busão* lotado
Em rumo aos “Diálogos para uma Geografia Cultura Ativa”
Oficina *massa* do LECgeo
Peguei minha caneta e meu papel
E sobre algumas questões fiquei bem reflexiva.

Eu não conseguia compreender
Por que a Geografia Cultural é coadjuvante

Uma vertente com tanto a oferecer
Com contribuições tão importantes
Comecei a pesquisar
Os “por quês” eu fui buscar
E, a partir daí, o TCC começou a se formar.

Dez universidades foram pesquisadas
Para ver como é que é
Só na UFPE que é obrigatória
Nas outras, tu só vê se tu quiser.
Isso interfere negativamente
Pois não consegue alcançar muita gente
Pois muitos não têm contato com essa rica vertente.

A BNCC foi analisada
Os alunos do fundamental 2 também
Mais uma vez a Geografia Cultural é escanteada
A bixinha não é protagonista para ninguém?
Isso tudo precisa mudar
Ela é importante e tem que se destacar
Falar de cultura é necessário
Para a identidade poder se formar.

RESUMO

No contexto da Geografia brasileira, a Geografia Cultural encontra dificuldades em ter destaque para suas abordagens nos currículos oficiais da Geografia e, também, em ocupar um espaço entre as disciplinas obrigatórias para os cursos de Licenciatura ou Bacharelado em Ciências Geográficas. O papel coadjuvante provém da predominância de assuntos das demais áreas da Geografia Humana que privilegiam uma análise política e econômica em detrimento dos aspectos culturais desde o ensino básico e esse fator reflete significativamente no ensino superior. Visando isto, este trabalho tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica que buscará compreender como a Geografia Cultural é abordada no ensino fundamental 2 com ênfase na análise da Base Nacional Comum Curricular, além da análise dos estudantes do 6º ao 9º ano sobre essa área para compreender como a defasagem da abordagem da Geografia Cultural no ensino básico influi diretamente no seu espaço nas universidades. Ademais, será feita análise de como o local em que a escola está inserida influencia na visão de como a cultura é percebida pelos estudantes e como contribui para a formação da sua identidade cultural.

Palavras-chave: currículo escolar; escola; ensino de geografia; geografia cultural. interdisciplinaridade.

ABSTRACT

In the context of Brazilian Geography, Cultural Geography finds it difficult to highlight its approaches in official Geography curricula and, also, to occupy a space among the mandatory subjects for Bachelor's or Bachelor's degrees in Geographic Sciences. The supporting role comes from the predominance of subjects from other areas of Human Geography that privilege political and economic analysis to the detriment of cultural aspects since basic education and this factor is significantly reflected in higher education. With this in mind, this work aims to carry out a bibliographical review that will seek to understand how Cultural Geography is approached in elementary school 2 with an emphasis on the analysis of the National Common Curricular Base, in addition to the analysis of students from the 6th to the 9th year on this area to understand how the lag in the approach to Cultural Geography in basic education directly influences its space in universities. Furthermore, an analysis will be made of how the location in which the school is located influences the view of how culture is perceived by students and how it contributes to the formation of their cultural identity.

Keywords: school curriculum; school; teaching geography; cultural geography. interdisciplinarity.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perguntas que compõem o questionário.....	16
Tabela 2 – Oferta da disciplina de Geografia Cultural nas Universidades Públicas selecionadas.....	30
Tabela 3 – Distribuição do conceito “cultura” nas disciplinas do curso de Geografia.....	32
Tabela 4 – Competências específicas de Ciências Humanas para o ensino fundamental com os conceitos “identidade”, “cultura” ou “cultural”.....	34
Tabela 5 – Temáticas, objetos de conhecimento e habilidades da Base Nacional Comum Curricular que contêm a abordagem do conceito “cultura”.....	35
Tabela 6 – Quantidade de estudantes entrevistados.....	41
Tabela 7 –Respostas dos alunos para a pergunta “O que você entende sobre cultura?”.....	42
Tabela 8 – Respostas dos alunos para a pergunta “O que você entende por ‘Geografia Cultural’?”.....	44
Tabela 9 – Pergunta: “Quais temas deveriam ser mais estudados pela Geografia?”.....	47
Tabela 10 – Resposta sobre como foi a experiência nas aulas extracurriculares ou aula de campo com abordagem cultural.....	48

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	Erro! Indicador não definido.
2. METODOLOGIA	14
3. O PAPEL DA GEOGRAFIA CULTURAL	17
3.1 DESENVOLVIMENTO DA GEOGRAFIA CULTURAL.....	19
3.2 COMPREENSÃO DO CONCEITO “CULTURA” DENTRO DAS CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS.....	22
3.3 FORMAÇÃO DE IDENTIDADE CULTURAL E DE PERTENCIMENTO.....	25
4. A GEOGRAFIA CULTURAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA	27
4.1 A GEOGRAFIA CULTURAL NA REDE DE ENSINO.....	28
4.2 A GEOGRAFIA CULTURAL NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (ENSINO FUNDAMENTAL 2).....	33
5. A IDENTIDADE E A CULTURA	40
5.1 COMO OS ESTUDANTES COMPREENDEM A GEOGRAFIA CULTURAL.....	40
5.2 COMO O LOCAL ONDE A ESCOLA ESTÁ INSERIDA INFLUENCIA NA IDENTIDADE CULTURAL.....	50
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	55

1. INTRODUÇÃO

Milton Santos (1978) definiu a Geografia como uma ciência que está sujeita a transformações de acordo com os interesses que são gerados em determinada época. O estudo dessa ciência abrange aspectos físicos - como descrição de solo, relevo, mapas – ou análise sobre as modificações que o meio e a sociedade sofrem a partir das ações antrópicas. O papel do homem diante dessa ciência é o principal responsável por essa vertente fluida que permite que a definição da Geografia seja modificada e ressignificada sempre que necessário.

As características físicas da Terra continuaram a ser analisadas e destacadas ao longo da evolução desta ciência – rocha, biomas, ciclo hidrológico – mas passaram a dividir espaço com novos protagonistas, abrindo um leque de temáticas importantes a serem discutidas: política, demografia, economia, urbanização. A partir do momento em que o homem adentra no “espaço natural” o transformando em “espaço geográfico”, a Geografia passa a analisar os efeitos das ações antrópicas em uma nova configuração ambiental, social, política, cultural dos grupos distribuídos pela Terra.

A cultura é um conceito que abrange costumes, conhecimentos, crenças, valores de um povo e engloba aspectos materiais e imateriais. Segundo Stuart Hall (2016), a cultura trata de significados produzidos e compartilhados. Esses valores também podem ser compreendidos dentro da Geografia Cultural que possibilita uma abordagem mais ampla a respeito das relações entre o homem, o espaço e as suas significações.

A Geografia Cultural ocupa um “tímido” espaço que provém desde o ensino básico e reflete no ensino superior, visto que pela Base Nacional Comum Curricular, essa área não ocupa um espaço de destaque, não é tratada como um assunto à parte como as demais áreas da Geografia – Geomorfologia, Climatologia, Pedologia – e é dissolvida em alguns assuntos, por exemplo, quando tratam dos aspectos físicos e regionais dos continentes.

Consequentemente, por essa falta de espaço, os olhares para a Geografia Cultural no meio acadêmico ainda são muito preconceituosos, limitados e ela não se encontra na oferta de disciplinas obrigatórias para os discentes da licenciatura sendo apenas para o bacharelado do curso de Ciências Geográficas. Para se ter acesso aos importantes conteúdos abordados nessa área, os alunos têm que apresentar um

interesse e optar pela disciplina eletiva, porém, como eles podem se interessar no que nunca foi visto como um destaque, ou que nunca foi tratado de forma abrangente em sala de aula durante a sua base que é o ensino fundamental?

Dessa maneira, o presente estudo mostra de que forma os estudantes do ensino fundamental 2 enxergam a Geografia Cultural, o significado que essa área tem para eles, como essa temática é abordada em sala de aula, o espaço que ela ocupa dentro das escolas, assuntos, trabalhos, avaliações. A partir disso, será possível compreender o “efeito cascata” da falta de tal abordagem dentro da escola de ensino básico refletida na falta de espaço da Geografia Cultural no ensino superior.

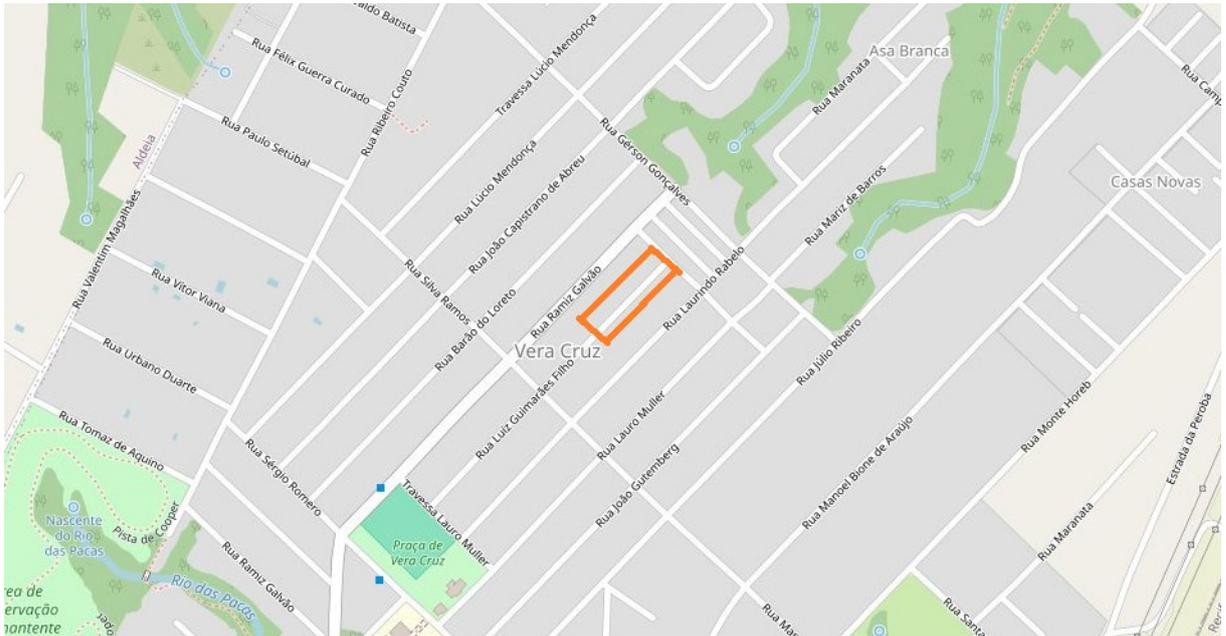
Visando isso, o presente trabalho tem como principal objetivo analisar a atual situação da Geografia Cultural no ensino fundamental 2, buscando investigar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para compreender como essa temática é vista em sala de aula, além de avaliar a forma como os estudantes consideram o seu ensino e abordagem na escola refletindo na construção da sua identidade. Assim, também se torna possível compreender por que a cultura não é considerada protagonista no ensino da Geografia.

2. METODOLOGIA

Para esta pesquisa qualitativa com fins exploratórios, foram utilizados levantamentos bibliográficos por meio de leituras de livros e de artigos como Corrêa (2009), Turra Neto (2013), Claval (2013). Além do artigo de Caetano e Bezzi (2013) que abordam a Geografia Cultural citando alguns autores como Carl Sauer que é considerado um dos fundadores da Geografia Cultural Moderna, além de Friedrich Ratzel que acreditava que as condições do ambiente determinavam o desenvolvimento político e cultural de uma sociedade e de Paul Vidal de La Blache que afirmava que os hábitos de determinado grupo eram gerados pelas condições que a natureza oferecia.

Ademais, foi aplicado um formulário sobre a abordagem da Geografia Cultural no ensino básico, contendo nove questões para as turmas do ensino fundamental 2 (6º ao 9º ano) de uma escola particular localizada no Bairro de Aldeia, Km 10, no município de Camaragibe, Pernambuco (Figura 1).

Figura 1: Mapa de localização da escola pesquisada



Fonte: OpenStreetMap (2024)

Disponível em: <https://www.openstreetmap.org/#map=4/-15.13/-53.19>

O questionário foi respondido por 39 adolescentes na faixa etária de 11 a 15 anos, no mês de junho de 2024, contendo questões fechadas e questões abertas com a temática voltada para o ensino da Geografia Cultural nas suas respectivas séries. A partir desse formulário, foi possível identificar a visão que os estudantes têm a respeito da conceituação de cultura, da Geografia Cultural, do seu papel, da sua importância, da necessidade da sua inserção nos conteúdos abordados durante o ano letivo. Além disso, foi possível identificar as formas como o lugar onde a escola está inserida pode influenciar na perspectiva de importância dos aspectos culturais para cada um dos estudantes entrevistados.

Esse presente estudo está dividido da seguinte forma: primeiramente, será tratada a definição da Geografia Cultural destacando o conceito de *cultura* e de *identidade*. Em seguida, será abordada a maneira como a Geografia Cultural é trabalhada no contexto do ensino e, por último, será feita uma análise a respeito da relação entre *cultura* e *identidade* no contexto do ensino dando um destaque para os resultados dos formulários de cada um dos estudantes da entrevista realizada na escola de ensino fundamental (Tabela 1).

Tabela 1: Perguntas que compõem o questionário

1º) Qual(is) assuntos de Geografia você mais gosta de estudar?

2º) O que você entende sobre cultura?

3º) O que você entende por “Geografia Cultural”?

4º) Você acha que aprender sobre diferentes culturas na aula de Geografia é importante?

() Sim

() Não

Por quê?

5º) Você já ouviu falar da Geografia Cultural?

6º) Você já teve aulas específicas de Geografia Cultural na sua escola?

() Sim

() Não

Se a sua resposta foi “sim”, o que você achou sobre essas aulas?

Se a sua resposta foi “não”, sobre quais temas você gostaria de aprender nessas aulas?

7º) Você acha que o ensino da Geografia Cultural deveria ser mais valorizado na escola?

() Sim

() Não

Por quê?

8º) Dentre esses temas, quais deveriam ser mais estudados pela Geografia?

(Observação: Pode marcar mais de uma alternativa)

() Futebol

() Dança

() Jogos (Ex.: Minecraft, Pokémon Go, Free Fire)

() Ritmos musicais (Ex.: Forró, brega, samba)

() Obras de arte

() Culinária

9º) Você já teve oportunidade de participar de atividades extracurriculares ou aulas de campo relacionados à cultura, como visitas a museus, palestras ou eventos culturais?

() Sim

() Não

Se sim, como foi essa experiência?

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

● 3. O PAPEL DA GEOGRAFIA CULTURAL

Caetano e Bezzi (2013) definem a Geografia Cultural como uma vertente das Ciências Geográficas que tem como foco a análise como o espaço geográfico é organizado pela cultura e por seus códigos. A partir disso, há a busca pela compreensão da dinâmica homem/espaço, das transformações ocorridas e da diversidade de representações.

Com seu surgimento no século XIX, tendo como um grande precursor o geógrafo Carl Sauer, um dos geógrafos mais influentes dentro da Geografia Anglo-Americana que liderava a Escola de Berkeley, a Geografia Cultural evoluiu e se expandiu (Caetano e Bezzi 2013):

Salienta-se que Sauer, em 1922, torna-se professor titular da Universidade da Califórnia em Berkeley. A Escola de Berkeley contribuiu de maneira significativa para os estudos de Geografia Cultural, tendo em Sauer o grande representante das pesquisas inseridas nessa tendência geográfica (Caetano e Bezzi, 2013, p. 246).

No seu início, essa vertente tinha uma forte ligação com o determinismo geográfico de Ratzel (Caetano e Bezzi 2013) a partir da análise de como as atividades

humanas modificavam o meio e, com o passar do tempo, suas análises das práticas culturais foram se ampliando e abordando temáticas sobre a antropologia, a sociologia, a geopolítica ou sobre a globalização. Essa última funciona como uma espécie de “catalisador” no processo de distribuição da Geografia Cultural devido aos avanços tecnológicos além de permitir que as características originais de determinado grupo social sejam diminuídos.

[...]o atual desafio dos estudos culturais configura-se na relação entre cultura e globalização fenômeno mundial capaz de promover maior intercâmbio entre as culturas e minimizar as características originais da cultura dos grupos sociais (Caetano e Bezzi, 2013, p. 244).

A interconexão das sociedades advindos do processo de globalização permitem que as diferentes culturas se manifestem e interajam dentro do espaço geográfico permitindo a análise e a compreensão de conflitos étnicos e culturais, as diferenças nos processos de regionalização de um país, seus progressos e regressos nos processos de industrialização e urbanização. Compreender as interações entre o espaço e a cultura e seu desenvolvimento na história da humanidade reflete uma evolução na metodologia dessa área que busca de forma interdisciplinar analisar as manifestações e dinâmicas culturais dentro da Ciência Geográfica.

Mesmo com o seu grande avanço, a Geografia Cultural ainda enfrenta grandes desafios para obter espaço, importância e o papel de protagonista nas escolas que se preocupam com a abordagem de uma Geografia mais tradicional como afirma Turra Neto (2013):

De qualquer forma, estas questões parecem estar longe da escola, que muitas vezes aparece como instituição descontextualizada em relação a complexidade contemporânea. Também estão longe de modificar o velho e tradicional ensino de Geografia, que ainda tortura jovens com sua proposta de memorização e de higienização da realidade social, em que a cidade, os países, os rios, os conflitos de uma geografia política, estão sempre em outro lugar (Turra Neto, 2013, p. 51).

Essa notória problemática, refletida no ensino superior, é o reflexo da defasagem dessa vertente na Base Nacional Comum Curricular do ensino fundamental 2 e esse fator implica diretamente na compreensão do conceito “cultura” por meio de jovens estudantes que não têm um contato direto com essa área da

Geografia, além da consideração de conteúdo pouco importante quando comparado a outras áreas da Geografia.

3.1. Desenvolvimento da Geografia Cultural.

No século XIX, a Geografia Cultural criou suas raízes tendo uma forte influência do determinismo geográfico (Caetano; Bezzi, 2013). A princípio, Friedrich Ratzel que enfatizava seu estudo geográfico sobre o homem - do ponto de vista biológico - afirmava que o indivíduo era produto do meio onde as condições naturais determinavam a vida social.

Em meados do século XX, a Geografia passava a fazer uma abordagem cultural quanto aos costumes humanos que caracterizavam e modificavam o ambiente por meio de suas ações ligadas às suas técnicas, atividades sociais e econômicas como afirma Corrêa (2009):

Entre 1890 e 1940 Claval identifica a primeira fase da geografia cultural. Caracteriza--se ela, na Alemanha, na França e, após 1925 nos Estados Unidos, por privilegiar a paisagem cultural e os gêneros de vida, resultantes das relações entre sociedade e natureza. Estes temas desdobravam--se em outros como as regiões culturais, a ecologia cultural ou o papel do homem destruindo a natureza, a difusão cultural e outros associados, via de regra, à dimensão material da cultura (Corrêa, 2009, p. 2)

Por meio de Ratzel, com os estudos dos movimentos de migração, na Geografia tradicional alemã, surge a expressão “geografia cultural”. Através de suas observações e pesquisas da influência do meio sobre o indivíduo, Ratzel nomeia a sua nova área de pesquisa: a Antropogeografia. Mas, no decorrer da sua carreira, ele desvia sua atenção dessa área e passa a focar na Geografia Política (Souza *et al.*, 2023).

Ratzel traz a paisagem como um “agente modelador” do homem e da sua cultura (determinismo geográfico) e, posteriormente, outros autores passam a analisar outros fatores que abrangiam os aspectos culturais de uma sociedade: agricultura, utensílios, técnicas. Essas novas observações e vertentes foram transformando o conceito de cultura e influenciaram os geógrafos franceses a respeito de uma nova concepção de Geografia Cultural.

Paul Vidal de La Blache criticou o determinismo de Ratzel reconhecendo que o meio ambiente é importante na formação da sociedade, mas que ele não era determinante e, sim, possibilitador pois oferecia diversas possibilidades, mas que, o ser humano, por meio de suas escolhas, história e cultura determinam os resultados. O homem é um agente ativo que interage com o meio, adapta-se, modifica-se e transforma o ambiente onde está inserido como afirmam Caetano e Bezzi (2013):

La Blache acreditava que a adaptação do homem às condições impostas pela natureza gerava o modo de vida, ou seja, o hábito de um determinado grupo cultural e a elaboração das técnicas desse grupo. Para o autor a cultura era, portanto, a união entre a força das práticas comuns de uma cultura e a inovação de suas ferramentas e técnicas, capazes de transformar o meio de vivência dessa população. (Caetano; Bezzi, 2013, p. 246).

Essa análise detalhada de La Blache o torna fundador da escola francesa de Geografia visto que ele veio a promover uma Geografia que focava a relação entre o homem e o ambiente diante de uma visão possibilista e essa nova abordagem trouxe grandes influências para a Geografia Cultural:

Outra importante vertente da Geografia Cultural foi desenvolvida na França, a qual teve nos estudos de Paul Vidal de La Blache grande representatividade, principalmente por valorizar as relações entre os grupos humanos e o meio ambiente habitado pelos mesmos. La Blache acreditava que a adaptação do homem às condições impostas pela natureza gerava o modo de vida, ou seja, o hábito de um determinado grupo cultural e a elaboração das técnicas desse grupo. Para o autor, a cultura era, portanto, a união entre a força das práticas comuns de uma cultura e a inovação de suas ferramentas e técnicas, capazes de transformar o meio de vivência dessa população (Caetano; Bezzi, 2013, p. 246).

La Blache, em suas observações, fazia uma análise sobre os diferentes modos de vida de determinadas regiões e afirmava que as práticas, tanto sociais, quanto culturais moldavam e também eram moldadas pelas características físicas de determinada região. Esse fator ajudou a destacar as riquezas das tradições, dos costumes, das diversidades que vieram a contribuir por meio da escola possibilista, para um melhor e mais profundo entendimento a respeito das culturas humanas.

Segundo Côrrea (2009), posteriormente, Carl Sauer, se concentrando na interação entre o homem e o seu ambiente, traz o conceito de “paisagem cultural” que afirmava que as atividades humanas moldavam as paisagens além de refletir as práticas culturais, valores e crenças de uma sociedade. Ele trouxe uma nova perspectiva que se desprendia e criticava o determinismo geográfico, focando na

forma de como o indivíduo, por meio de suas crenças, costumes, ações poderia moldar o que estava ao seu entorno. Sauer transformava, por meio de suas ideias, o homem no protagonista da paisagem cultural.

A escola de Berkeley, juntamente com as importantes contribuições de Sauer, foram imprescindíveis para a análise das relações entre o ambiente e a cultura, para a exploração da diversidade cultural junto à complexidade da interação do homem com o meio, além de tornar a prática mais rigorosa e detalhada na coleta de análise dentro das Ciências Geográficas (Caetano; Bezzi, 2013).

A partir da década de 1970, a Geografia Cultural se expandiu e se diversificou, inovando a maneira de como pensar sobre a cultura, desprendendo-se de regras, enaltecendo a pluralidade, espontaneidade, individualismo e tornando-se mais crítica.

A partir de 1970 a geografia cultural passa por uma profunda reformulação, como sempre com base em jovens geógrafos. A década de 1970 foi, em realidade, uma arena de embates epistemológicos, teóricos e metodológicos, no âmbito dos quais emergem uma geografia crítica e diferentes subcampos que, nos anos 80 iriam confluir, em parte, para gerar a denominada geografia cultural renovada. A década de 1980 vê configurar-se esta nova versão da geografia cultural (Corrêa, 2009, p. 2).

A escola anglo-saxônica teve grandes influências por estudos sociológicos e antropológicos para buscar a compreensão a respeito das culturas humanas. Ela está profundamente atrelada aos trabalhos e às visões dos geógrafos do século XIX e foi criticada por fazer uma abordagem quantitativa. Esse fator contribuiu para que, nas décadas seguintes, houvesse uma abordagem mais qualitativa que teria foco nas experiências e práticas vividas socialmente.

Segundo Paul Claval (2013), no Brasil, o desenvolvimento da Geografia Cultural ocorreu de forma tardia - década de 1990 - mas essa temática já estava inserida em outros assuntos na disciplina de Geografia desde 1930.

O período dos anos 90, no Brasil, foi de grandes e intensas transformações sociais e econômicas que impactaram, diretamente, a cultura do país. O processo de globalização, as mudanças políticas e os processos de urbanização, segundo Claval (2013) influenciaram os estudos geográficos. Esses fatores acabam interferindo, diretamente, na Geografia Cultural que passa a se atentar à análise da identidade, territorialidade e influência da globalização na cultura local.

Mediante um país com uma grande diversidade advinda do processo de colonização europeia, o Brasil traz para a Geografia a necessidade de compreender as práticas e os costumes das diferentes etnias que compõem a população brasileira.

Mas a colonização põe em movimento povos que fazem do país um cenário onde se encontram as mais diversas tradições étnicas: a) a das populações indígenas, hoje reduzida a contingentes mínimos, mas cuja a diversidade é espantosa, embora os grupos de língua tupi-guarani dominassem no momento da chegada dos europeus; b) a das populações trazidas ao Brasil pela escravidão; c) e as oriundas do colonizador português (Claval, 2013, p. 9).

Hoje, a Geografia Cultural traz acesso a um “leque” de temáticas - jogos, danças, religião, futebol, culinária, ritmos, músicas - que possibilitam a compreensão das diferentes manifestações dentro do espaço geográfico, além de explorar perfis econômicos, sociais, religiosos ou até formação da identidade cultural e de pertencimento do indivíduo dentro do seu grupo social como afirma Nogueira (2016):

A Geografia Humanista e Cultural de abordagem fenomenológica nos leva a pensar o ensino de Geografia tomando como ponto de partida o mundo vivido e experienciado por cada um de nós. Aqui o conhecimento do mundo adquirido ao longo da existência é valorizado enquanto verdade sobre os lugares, o ensino de Geografia nesta perspectiva nos permite pensar o mundo através da música, da poesia, pintura, do cinema, da literatura e das narrativas, pois acreditamos que todas as formas de linguagem e representação do mundo, faz uma tentativa de compreender a relação dos homens com seus lugares, desta forma contém verdades (Nogueira, 2016, p.16)

3.2. Compreensão do conceito de “cultura” dentro das Ciências Geográficas

O Dicionário Aurélio define cultura como “conjunto das estruturas sociais, religiosas etc., das manifestações intelectuais, artísticas etc., que caracteriza uma sociedade, diferenciando-a de outras” e sua etimologia vem do latim *culturae* que significa “cultivar” ou “ação de tratar”. Porém, o significado dessa palavra não é fixo, visto que a complexidade da sua definição decorre das mudanças sociais na história da humanidade.

A cultura é carregada de significados e é perpetuada, segundo Stuart Hall (2016), por meio da linguagem. Além disso, são sustentados por símbolos que contêm diferentes significados de acordo com a experiência de cada indivíduo, constituindo uma pluralidade de ideias.

Nas Ciências Geográficas, a cultura está em evolução contínua e sua definição é um grande palco de disputas e de críticas. Mitchell (2013) afirma que o termo

“cultura” está em constante mudança e não é um “objeto”, mas um processo que é moldado pelos grupos sociais e consiste em uma complexidade que vai muito além do que um simples costume de determinado povo.

“Engessar” o conceito de cultura dentro da Geografia é “enjaular” e ignorar as transformações e ressignificações de símbolos ou até de práticas que fluem de forma contínua entre os povos, por esse motivo seu significado é fluido e sua definição para a ciência é desafiadora.

Com cada nova definição a base ontológica do significado recua mais um passo, sempre fora do alcance, sempre adiada. Não têm raízes em quaisquer mundos, pelo menos não internamente. Assim, a “cultura” é abordada obliquamente ou suas leis internas são declaradas a permanecer ainda obscuras, num esforço para manter a fé na própria existência da “cultura” (Mitchell, 2013, p. 39).

Por outro lado, Jackson *et al.* (2013) abordam sobre a importância da materialização da cultura para a geografia cultural. Tradições, práticas, monumentos, valores são a representação material de um povo dentro do espaço geográfico e facilitam a análise geográfica, pois transformam o espaço como um produto cultural - seja por sua arquitetura, práticas ou traçados - contribuindo para a construção da identidade territorial e fortalecendo o conceito de lugar definindo importantes símbolos para determinados grupos sociais além da interpretação e da apropriação do espaço no decorrer do tempo.

[...] Mitchell corre o perigo de desgastar qualquer sentido de materialidade da cultura. Isso não quer dizer que a “cultura” propriamente dita é material, mas que aquilo que definimos convencionalmente como “cultura” ganha muito do seu poder a partir de sua materialidade [...] Sem tal preocupação pelo mundo material, arriscamo-nos a produzir uma geografia cultural completamente anêmica, onde as únicas lutas são sobre linguagem e políticas de representação (Jackson *et al.*, 2013, p. 56).

A cultura é um conjunto de ideias, é o “cartão-postal” de uma sociedade, é uma herança que se perpetua século após século, ela é um registro ordenado que contribui significativamente para que a Ciência Geográfica compreenda a sua dinâmica, sua construção e as suas transformações.

Mitchell (2013) afirma que a cultura está atrelada à relação de poder e sua definição dependerá do grupo mais influente, mais forte. As influências mais significativas, mútuas e contínuas se sobressaem e perpetuam na análise das

diversidades culturais dentro de um determinado espaço com suas próprias práticas sociais, econômicas e políticas.

As mudanças e a fluidez da cultura como um conceito trazem um desafio significativo para a Geografia, mas permitem algumas oportunidades no âmbito de pesquisa da Geografia cultural. De fato, os geógrafos enfrentam grandes desafios mediante às mudanças das práticas e dos significados culturais em contextos diferentes para se obter uma metodologia que seja capaz de captar essas transformações e defini-las. Porém, em contraponto, essa fluidez permite que se obtenha uma visão mais dinâmica e mais crítica da cultura fornecendo, assim, um entendimento mais aprofundado da relação homem/espaço e para o seu desenvolvimento político e cultural.

Na atualidade, processos como a globalização transformaram a dinâmica mundial alterando fluxos migratórios e obtendo avanços tecnológicos que servem como “ponte”, conectando as pessoas e permitindo interações intersociais que contribuem com a criação de novas formas de organização espacial. Caetano e Bezzi (2013, p.244) afirmam que a globalização é o “fenômeno mundial capaz de promover maior intercâmbio entre as culturas e minimizar as características originais da cultura dos grupos sociais”. Ademais, além da conexão cultural “positiva”, tal processo potencializou a contestação e os conflitos entre os povos devido às diferentes visões e significados dos símbolos atrelados à definição do espaço-território, assim como afirma Turra Neto (2013):

Não há significados hegemônicos que não possam ser contestados, nesse sentido que a cultura é um campo de lutas em torno do significado, pois descobriu-se que eles não são fixos, mas fixados por discursos que se realizam dentro de relações de poder (Turra Neto, 2013, p. 38).

Nessa vertente, em uma abordagem geográfica, a cultura pode ser compreendida como um palco para conflitos sociais em que as forças e resistências de uma sociedade podem ser potencializadas, reconfiguradas, analisadas e estudadas pela Geografia.

3.3. Formação de identidade cultural e de territorialidade

Quando o homem passa a interagir com o espaço ao qual ele está inserido através das suas práticas culturais, isso acaba conectando esse indivíduo ou seu grupo social a esse espaço e contribui com a sua transformação, com sua integração além de se obter a formação da identidade cultural.

Essa identidade faz referência às tradições e costumes passados de geração em geração entre os povos e os marcam fortemente. Além disso, o processo de formação dessas características particulares está completamente ligado ao seu território.

A identidade geográfica, de fato, é antes de tudo um produto cognitivo; resultado de um processo de análise e de representação que nos permite elucidar um determinado âmbito espacial do próprio entorno. Em termos comparativos pode dizer-se que, enquanto a identidade territorial nasce por um processo autorreferencial colocado em ação por uma comunidade que se apropria culturalmente de um âmbito espacial predefinido, a identidade geográfica é uma representação operada de fora com finalidades meramente descritivas e/ou interpretativas (Pollice, 2010, p.9).

Segundo Pollice (2010) a identidade e a cultura são dois fatores interdependentes. A partir do momento em que determinado grupo social passa a delimitar e controlar seu espaço o transformando em seu território, esse espaço, automaticamente, é atrelado às práticas culturais que são carregadas de significados, tornando visível a identidade daquela comunidade sejam essas práticas manifestadas pela cultura material ou imaterial fortalecendo a conexão homem-território-cultura. De acordo com Milton Santos (1978, p. 17), “a Terra seria um conjunto de formas específicas de utilização do território - de áreas culturais - resultado do trabalho de sociedades diferentes com base em sua diversidade cultural”.

Além disso, a identidade molda o espaço à maneira como ele é organizado e como ele está representado. Um conceito interdepende do outro para que se tenha uma melhor compreensão a respeito de sua dinâmica, além de completar seu significado. Nesse contexto, Pollice (2010) ainda afirma que a identidade pode ser tanto a causa quanto a consequência da territorialização.

Assim como a cultura não é estática, a identidade também não é. Quando um espaço geográfico é comandado e delimitado por determinado grupo, com o decorrer

dos anos, esse grupo é modificado por abarcar novos componentes, sejam descendentes do seu próprio povo, ou indivíduos de grupos de outros territórios.

Essa nova socialização - no caso, advinda de um indivíduo externo - permite que o novo componente daquele grupo seja influenciado e alcançado pelas práticas daquele território modificando a sua identidade para se adaptar àquele novo espaço. Da mesma forma que a sua identidade, construída em outro território, pode colaborar com uma nova configuração no novo espaço onde está inserido, atrelando novas características identitárias para aquele povo.

Os lugares não desapareceram, as paisagens não sumiram, elas se ressignificaram assim como os lugares, os territórios conquistados são hoje reorganizados e ainda motivos de conflitos e de jogo de interesses econômicos, que são mediados pelo Estado. Mas, outros territórios se formaram e representam identidades culturais. A Geografia modifica-se a partir das transformações ocorridas nos modos de inserção dos homens nos espaços geográficos (Nogueira, 2016, p. 9).

Ademais, quando o novo indivíduo é descendente do grupo daquele território, ele cresce sendo moldado por aquelas práticas, mas, mesmo assim, com a modernização e com os processos advindos dos avanços tecnológicos por meio de um mundo cada vez mais globalizado, seus costumes são modificados gerando uma nova identidade cultural para a sua geração que será perpetuada e modificada continuamente.

Pollice (2010) retrata sobre essa mudança na identidade cultural, mas afirma que as transformações só ocorrem se a comunidade local permitir e se tiver força para se propagar:

A identidade territorial, onde oportunamente valorizada, pode contribuir ao desenvolvimento e à implementação dos processos inovadores em escala local. A inovação territorial tem êxito quando é o resultado de escolhas compartilhadas por parte da comunidade local e das forças que operam sobre o território, e tal compartilhamento é mais fácil realizar-se quando se está na presença de um forte sentido identitário, de um sentir comum (empatia) que é fruto de uma sedimentação cultural do qual o território é uma expressão direta (Pollice, 2010, p. 11).

Porém a mudança de identidade dentro de um território pode ser vista como uma “faca de dois gumes”: de um lado acompanhar as transformações de um mundo globalizado traz-se uma maneira de se adaptar a novos recursos e costumes disponíveis em âmbito mundial ou local mas, em contraponto, podem “apagar” a identidade advinda dos primeiros componentes daquele grupo específico fazendo com

que suas raízes sejam esquecidas e passem a perder o sentido e a importância do seu significado diante das próximas gerações.

4. A GEOGRAFIA CULTURAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA

A Geografia Cultural tem sua atenção voltada para as manifestações culturais que o homem realiza analisando como esses fatores são organizados no espaço, sejam eles materiais ou imateriais (Caetano e Bezzi, 2013). Nesse sentido, a Geografia se faz responsável por buscar a compreensão dos significados que os grupos sociais atrelam ao ambiente no qual estão inseridos.

A Geografia, da antiguidade à atualidade, buscou auxiliar estudiosos na compreensão do espaço geográfico e no acompanhamento dos processos de transformações de um mundo globalizado. Em seus primeiros momentos, assim como afirma Nogueira (2016), a prioridade dos assuntos abordados nessa ciência era de destacar esses conteúdos dando uma grande importância aos aspectos físicos e os estudantes tinham o objetivo de “decorar” essas características. Em contraponto, o estudo da Geografia Cultural permite uma observação mais precisa, mais minuciosa sobre as manifestações culturais dos povos e como elas influem na sociedade e essa análise não precisa ser desvinculada de conceitos geográficos, pelo contrário, ela pode ser complementada por eles.

Assim acreditamos que podemos pensar o ensino de Geografia pela abordagem da Geografia Cultural e Humanista, apontar aqui como essa pode contribuir para pensarmos os territórios, as regiões, os lugares e suas paisagens vendo esses como lugares vividos, enquanto resultado da relação de geograficidade que é construída entre os homens e seus lugares, territórios identitários, regiões como espaço vivido (Nogueira, 2013, p. 6).

Processos históricos como crises econômicas, guerras, processo de industrialização, crescimento da comercialização, marcaram a humanidade além de modificarem o modo de vida das pessoas. Essas mudanças são significativas, estão presentes no modo de vida atual - o mundo e a humanidade não são os mesmos depois da Revolução Agrícola ou da Revolução Industrial, os países passaram a ter novas preocupações após a Segunda Guerra Mundial, a dinâmica mundial mudou após o processo de globalização - e precisam ser compreendidas pela ciência. Mas

essa questão não se limita apenas a compreender as modificações nas dinâmicas, mas também apresenta a necessidade de entender como o ser humano foi e é impactado com isso.

Esse impacto não está apenas ligado à maneira como ele e seu meio foram modificados, mas também como essas mudanças interferem na sua “marca”, nas suas relações, manifestações, costumes, no comportamento no meio social e as transformações que ocorreram. A Geografia Cultural tem o intuito de buscar novas explicações, dar definições, fazer ressignificações a partir do comportamento do indivíduo que se transforma constantemente e que irá continuar a sofrer modificações de acordo com os fatos importantes que irão o cercar futuramente.

A renovação da geografia cultural não deixou de lado o passado, mas privilegia o presente ou o passado recente. Mas o que é mais importante ressaltar não é o recorte temporal, mas a análise dos significados que são ou foram atribuídos à espacialidade humana. Pois, repita-se, a abordagem cultural está precisamente centrada nos significados que os diversos grupos sociais constroem relativos à espacialidade passada, do presente e mesmo do futuro (Côrrea, 2009, p. 6).

Nogueira (2016) ressalta sobre o desafio que a Geografia Cultural enfrenta em ganhar espaço diante de uma “Geografia dos Professores” que tem como as principais preocupações a memorização de mapas, dos conceitos, das abordagens com ênfase nos aspectos físicos de determinadas regiões trazendo como “herança” uma forte ideia de que a Geografia descritiva - considerada mais tradicional - tem uma maior importância do que as relações sociais e heranças culturais dentro da história da humanidade e isso reflete no âmbito educacional.

4.1. A Geografia Cultural na rede de ensino

Heloísa Lück (2009) define a escola como um espaço que permite que valores sejam difundidos e esse fator colabora para com a formação do corpo discente. Ademais, ela afirma que a instituição educacional permite que os estudantes tenham uma maior compreensão a respeito do espaço onde ele está inserido, além de compreender o seu papel nele.

A escola é um ambiente que possui um papel significativo na vida do estudante, visto que ele permite o aprendizado de conteúdos de áreas distintas - Ciências

Humanas, Ciências da Natureza, Ciências Exatas, Linguagens, Matemática - mas também é responsável pela formação do pensamento crítico do corpo discente a respeito dos fatos que ocorrem no decorrer da história da humanidade.

Com as transformações da dinâmica mundial decorrente dos acontecimentos históricos, a Geografia passou a analisar e explicar essas mudanças, desde sua origem até seus impactos. Nogueira (2016) relata a função do aluno e do professor dentro desse contexto da seguinte forma:

Mais uma vez colocava-se em evidência o papel do professor de Geografia, caberia a ele olhar o mundo como uma construção histórica, analisar criticamente as paisagens que resultaram da relação de exploração que se estabeleceu entre os homens e os lugares, o professor de Geografia deveria levar os alunos a entenderem que o espaço geográfico era o resultado das relações sociais de produção, o professor deveria refletir as questões sociais e políticas que se materializa no espaço. Os alunos deveriam refletir de forma crítica sobre os lugares e a sociedade onde vivem. (Nogueira, 2016, p. 3)

A Geografia Cultural, por meio de suas análises e de sua dinâmica menos “engessada” e mais fluida, permite que os professores apresentem diversas representações e possibilidades a respeito das práticas culturais e que os estudantes possam fazer suas próprias interpretações dando significados diversos de acordo com suas próprias experiências denotando suas heranças culturais e podendo permitir novas ressignificações através das suas novas vivências e das mudanças ocorridas dentro do seu espaço social.

Porém, essa possibilidade que a Geografia Cultural permite para que os estudantes tenham acesso a esse “leque” de significados tem sido escassa devido a falta de espaço que a Geografia Cultural tem dentro das redes de ensino, sejam na educação básica ou no ensino superior.

Algumas instituições de nível superior brasileiras oferecem a Geografia Cultural em seu componente curricular, mas nem todas a oferecem como disciplina obrigatória. Visando isso, foram analisadas dez universidades federais mais antigas do Brasil e a sua oferta em relação à Geografia Cultural como: Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal de Goiás (UFG). Dentre as universidades analisadas, a oferta da disciplina no curso de Geografia se encontra da seguinte forma (Tabela 2):

Tabela 2: Oferta da disciplina de Geografia Cultural nas Universidades Públicas selecionadas

Universidade	Oferta
Universidade de São Paulo	O conceito de cultura está dissolvido em outras disciplinas.
Universidade Federal da Bahia	Disciplina eletiva (bacharelado e licenciatura).
Universidade Federal de Goiás	Disciplina eletiva (bacharelado e licenciatura).
Universidade Federal de Minas Gerais	Disciplina eletiva (bacharelado e licenciatura)
Universidade Federal do Amazonas	O conceito de cultura está dissolvido em outras disciplinas.
Universidade Federal do Paraná	O conceito de cultura está dissolvido em outras disciplinas.
Universidade Federal de Pernambuco	Disciplina eletiva na licenciatura / Disciplina obrigatória no bacharelado.
Universidade Federal do Rio de Janeiro	Disciplina eletiva (bacharelado e licenciatura).
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Disciplina eletiva (bacharelado e licenciatura)
Universidade Federal de Santa Catarina	O conceito de cultura está dissolvido em outras disciplinas.

Fonte: Projeto Pedagógico dos Cursos*

Projeto Pedagógico dos Cursos*

USP <Disponível em:

<https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/listarGradeCurricular?codcg=8&codcur=8021&codhab=200&tipo=N>
> Acesso em: 20 set 2024.

UFBA Disponível em: <<https://geografia.ufba.br/GRADE%20BACHARELADO.pdf>> Acesso em: 20 set 2024.

UFBA Disponível em: <<https://geografia.ufba.br/GRADE%20LICENCIATURA%20DIURNO.pdf>>
Acesso em: 20 set 2024.

UFG Disponível em: <<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/51/o/PPC.GeografiaBacharelado.2011.pdf>>
Acesso em: 20 set. 2024

UFG Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/51/o/PPC_Geografia_2015_-_Licenciatura_IESA_UFG_-_atualizado_07maio2019.pdf> Acesso em: 20 set 2024

UFMG Disponível em: <https://www.igc.ufmg.br/wp-content/uploads/2022/09/Geografia_D-20139.pdf> Acesso em: 20 set 2024.

UFAM Disponível em: <https://d71b8c6b-c971-42b6-abed-b233d376e4b9.filesusr.com/ugd/b64541_e4725608d3b84c3dad804682e76e4a01.pdf> Acesso em: 20 set 2024.

UFPR Disponível em: <<https://geografia.ufpr.br/wp-content/uploads/2013/04/Grade-Curricular.pdf>> Acesso em: 20 set 2024.

UFPR Disponível em: <https://geografia.ufpr.br/wp-content/uploads/2013/04/SEI_23075.084365_2019_29_Plano-de-adapta%C3%A7%C3%A3o_optativas.pdf> Acesso em: 20 set 2024.

UFPE Disponível em:
<<https://www.ufpe.br/documents/39419/0/Perfil+2202+per%C3%ADodo/a0117e9a-8667-4a1c-a697-b9fba5a9a695>> Acesso em: 20 set 2024.

UFPE Disponível em:
<<https://www.ufpe.br/documents/39415/0/PERFIL+GEOGRAFIA+BACHARELADO/a4f61349-c5f8-420b-ae1c-16b9ba839753>> Acesso em: 20 set 2024.

UFRJ Disponível em: <<https://siga.ufrj.br/sira/repositorio-curriculo/ListaCursos.html>> Acesso em: 20 set 2024.

UFRGS Disponível em:
<<https://www1.ufrgs.br/PortalEnsino/GraduacaoCurriculos/plone.php?r=relatorio&curso=331&habilitacao=104&curriculo=288>> Acesso em: 20 et 2024.

UFRGS Disponível em:
<<https://www1.ufrgs.br/PortalEnsino/GraduacaoCurriculos/plone.php?r=relatorio&curso=331&habilitacao=43&curriculo=128>> Acesso em: 20 set 2024.

UFSC Disponível em: <<https://geografia.paginas.ufsc.br/files/2012/03/GEOGRAFIA-curriculo-20071.pdf>> acesso em: 20 set 2024.

A atual oferta da Geografia Cultural nas universidades analisadas, denota a carência da oferta da disciplina como obrigatória e esse fator demonstra que apenas a Universidade Federal de Pernambuco tem Geografia cultural como obrigatória no bacharelado.

Mesmo com a oferta da disciplina, a Universidade Federal de Pernambuco, por exemplo, teve a inserção da Geografia Cultural como obrigatória no seu componente curricular em 2012 apenas no bacharelado e essa questão implica no espaço que a disciplina tem dentro da própria universidade e acaba refletindo no ensino básico pois, muitos estudantes do ensino fundamental e médio, têm professores que nunca optaram por estudar a disciplina eletiva da Geografia Cultural durante a sua graduação na licenciatura.

A UFPE possui o Laboratório de estudos sobre Espaço, Cultura e Política – LECgeo – que tem o objetivo de fazer uma abordagem cultural da Geografia por meio de debates e pesquisas científicas (UFPE, 2024). Além disso, o laboratório promove cursos, palestras, atividades acadêmicas que estimulam a participação dos discentes e docentes da instituição. O laboratório, formado em 2008, é liderado pelo professor Dr. Caio Augusto Amorim Maciel e é sediado no Departamento de Ciências Geográficas localizado no Centro de Ciências Humanas e Filosofia.

Ainda de acordo com a tabela acima (Tabela 2), algumas universidades não possuem a disciplina de Geografia Cultural em seu componente curricular, mas “dissolveram” o conceito *cultura* na sua oferta (Tabela 3):

Tabela 3: Distribuição do conceito “cultura” nas disciplinas do curso de Geografia

Universidade	Disciplina com o conceito “cultura”
Universidade de São Paulo	(Licenciatura) <ul style="list-style-type: none"> ● Psicologia histórico-cultural e educação; ● Psicologia da educação: constituição do sujeito, desenvolvimento e aprendizado na escola, cultura e sociedade.

Universidade Federal do Amazonas	(Licenciatura e Bacharelado) <ul style="list-style-type: none"> • Teorias e métodos da Geografia.
Universidade Federal do Paraná	(Licenciatura e Bacharelado) <ul style="list-style-type: none"> • Geografia Social e cultural; • Tópicos especiais em Geografia Cultural.
Universidade Federal de Santa Catarina	(Licenciatura e Bacharelado) <ul style="list-style-type: none"> • Tópicos especiais em Geografia Humana II.

Fonte: Projeto Pedagógico dos Cursos*

A dissolução do conceito de cultura dentro de outras disciplinas é um fator agravante que contribui para que a Geografia Cultural perca o espaço de protagonista dentro das instituições de ensino superior. Essa questão também implica na visão que os estudantes têm a respeito da própria cultura ou da Geografia cultural não reconhecendo o seu papel ou sua importância tanto na sua formação acadêmica, quanto na construção do seu pensamento crítico-social.

4.2. A Geografia Cultural na Base Nacional Comum Curricular (Ensino Fundamental 2)

Elaborada pelo Ministério da Educação, a Base Nacional Comum Curricular - aprovada em 2017 - ensino fundamental - e em 2018 - ensino médio - é o documento responsável por estabelecer às escolas do Brasil uma orientação e uma padronização quanto aos conteúdos abordados nas instituições de ensino fundamental e médio (Brasil, 2017). Essa orientação é estabelecida pelos temas, objetivos e habilidades estabelecidos de acordo com as disciplinas ofertadas nas escolas. Ornellas e Silva (2019) afirmam que o currículo é uma construção social e um instrumento político.

Dentro dessa divisão da BNCC, foram analisados os componentes curriculares da disciplina de Geografia com o objetivo de observar e compreender como a Geografia Cultural é abordada dentro da sala de aula de acordo com as suas competências.

A BNCC está dividida em dez competências gerais que visam a valorização do conhecimento: exercitar a curiosidade, valorização e prática de manifestações artísticas e culturais, utilização de diversas linguagens, compreensão e utilização das tecnologias digitais, valorização das diversidades culturais, argumentação visando a defesa de ideias, conhecer e cuidar da saúde física e emocional, colaborar com o respeito ao próximo e agir responsabilmente e com autonomia.

Dentro da BNCC, a Geografia está inserida na área de conhecimento das Ciências Humanas que tem a intenção de desenvolver o seguinte ponto:

Na análise geográfica, os espaços percebidos, concebidos e vividos não são lineares. Portanto, é necessário romper com essa concepção para possibilitar uma leitura geo-histórica dos fatos e uma análise com abordagens históricas, sociológicas e espaciais (geográficas) simultâneas. Retomar o sentido dos espaços percebidos, concebidos e vividos nos permite reconhecer os objetos, os fenômenos e os lugares distribuídos no território e compreender os diferentes olhares para os arranjos desses objetos nos planos espaciais (Brasil, 2017, p. 351).

Esses “diferentes olhares” que a Geografia deve prezar dentro da BNCC estão relacionados às diferentes significações e leituras decorrentes das diversas influências culturais que cercam cada grupo social, mas isso não é deixado de uma forma muito clara, tornando o conceito de *cultura* um “objeto” escondido.

Os conceitos “identidade”, “cultura” e “cultural” aparecem nas quatro primeiras competências específicas das Ciências Humanas, (Tabela 4):

Tabela 4: Competências específicas de Ciências Humanas para o ensino fundamental com os conceitos “identidade”, “cultura” ou “cultural”

1	Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.
2	Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico-informacional com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo.
3	Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.
4	Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de

	investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
--	---

Fonte: Brasil, 2017.

A BNCC ainda expressa a necessidade de prezar pela formação da identidade por meio da cultura:

Ao mesmo tempo, a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças (Brasil, 2017, p. 357).

Fazendo-se uma análise sobre as unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades (Tabela 5), nota-se a tímida presença do conceito “cultura” que a impede de agir como um protagonista dentro da BNCC. Ele está implícito dentro de algumas habilidades, mas não são o centro dos assuntos abordados em sala de aula. Essa questão implica no desenvolvimento cultural dos estudantes a respeito da formação dos “diferentes olhares” que a normativa defende em seus primeiros pontos.

Tabela 5: Temáticas, objetos de conhecimento e habilidades da Base Nacional Comum Curricular que contêm a abordagem do conceito “cultura”

6º ano		
Unidade temática	Objeto de conhecimento	Habilidades
O sujeito e seu lugar no mundo	Identidade Sociocultural	EF06GE01: Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos; EF06GE02: Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários.

7º ano		
Unidade temática	Objeto de conhecimento	Habilidades
Conexões e escalas	Características da população brasileira	EF07GE04: Analisar a distribuição territorial da população brasileira, considerando a diversidade étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática), assim como aspectos de renda, sexo e idade nas regiões brasileiras.
8º ano		
Unidade temática	Objeto de conhecimento	Habilidades
Conexões e escalas	Corporações e organismos internacionais e do Brasil na ordem econômica mundial.	EF08GE06: Analisar a atuação das organizações mundiais nos processos de integração cultural e econômica nos contextos americano e africano, reconhecendo, em seus lugares de vivência, marcas desses processos.
9º ano		
Unidade temática	Objeto de conhecimento	Habilidades

O sujeito e seu lugar no mundo	A hegemonia europeia na economia, na política e na cultura.	EF09GE01: Analisar criticamente de que forma a hegemonia europeia foi exercida em várias regiões do planeta, notadamente em situações de conflito, intervenções militares e/ou influência cultural em diferentes tempos e lugares.
Unidade temática	Objeto de conhecimento	Habilidades
O sujeito e seu lugar no mundo	Corporações e organismos internacionais	EF09GE02: Analisar a atuação das corporações internacionais e das organizações econômicas mundiais na vida da população em relação ao consumo, à cultura e à mobilidade.
Unidade temática	Objeto de conhecimento	Habilidades
O sujeito e seu lugar no mundo	As manifestações culturais na formação populacional	EF09GE03: Identificar diferentes manifestações culturais de minorias étnicas como forma de compreender a multiplicidade cultural na escala mundial, defendendo o princípio do respeito às diferenças; EF09GE04: Relacionar diferenças de paisagens aos modos de viver de diferentes povos na Europa, Ásia e Oceania, valorizando identidades e interculturalidades regionais.
Unidade temática	Objeto de conhecimento	Habilidades

Conexões e escalas	Integração mundial e suas interpretações, globalização e mundialização.	EF09GE05: Analisar fatos e situações para compreender a integração mundial (econômica, política e cultural), comparando as diferentes interpretações: globalização e mundialização.
Unidade temática	Objeto de conhecimento	Habilidades
Conexões e escalas	Intercâmbios históricos e culturais entre Europa, Ásia e Oceania	EF09GE08: Analisar transformações territoriais, considerando o movimento de fronteiras, tensões, conflitos e múltiplas regionalidades na Europa, na Ásia e na Oceania.
Unidade temática	Objeto de conhecimento	Habilidades
Mundo do trabalho	Transformações do espaço na sociedade urbano-industrial	EF09GE10: Analisar os impactos do processo de industrialização na produção e circulação de produtos e culturas na Europa, na Ásia e na Oceania.

Fonte: Brasil, 2017.

Fazendo-se uma análise do Currículo do Ensino Fundamental do Estado de Pernambuco (2020) nota-se uma intencionalidade de que o estudante vivencie em seu cotidiano o que é visto e aprendido em sala de aula. Fazendo-se uma comparação em relação às competências específicas da Geografia, tanto na BNCC quanto no Currículo de Pernambuco, não há a utilização do conceito *cultura* em nenhum dos pontos. Já observando as unidades temáticas, tem-se uma presença do conceito *cultura* mas ele não é o protagonista dentro das habilidades.

Tem-se como exemplo disso, a unidade temática “O sujeito e seu lugar no mundo” que traz uma abordagem cultural em relação aos conceitos de *lugar*, *identidade* e *território* dando a ideia de pertencimento que está ligada à Geografia

Cultural, porém esse fator não traz a *cultura* como ponto de destaque, ela se “camufla” nos demais conceitos reduzindo a possibilidade da construção de novas vivências e das novas interpretações fluidas que a Geografia Cultural proporciona.

Não é diferente na unidade temática “Conexões e escalas” nas duas normativas visto que a cultura se “esconde” por trás da formação territorial analisando as transformações históricas que precedem determinado grupo social. Além disso, no objeto de conhecimento “características da população brasileira” pertencente à mesma unidade temática, há uma abordagem a respeito das diversidades étnico-culturais dos povos que compõem a formação histórica do país, mas essa abordagem tem um maior foco na contribuição desses povos em relação à territorialização e conquistas de terras do que nas suas práticas culturais que são herança para a população atual.

Essa mesma problemática se estende à unidade temática “Mundo do trabalho” que busca analisar as transformações que a industrialização trouxe na comercialização de produtos nos continentes Europeu, Asiático e na Oceania. Porém, dentro dessa habilidade, o protagonismo pertence aos conceitos de industrialização e de urbanização.

Devido a essas pontuações, a falta de uma abordagem mais cultural dos assuntos vistos em sala de aula interfere diretamente e negativamente na formação do pensamento cultural dos estudantes sobre seu território, lugar e papel dentro do grupo ao qual está inserido. Se um estudante não tiver contato com o conteúdo, não se é possível checar as possibilidades, diversidades, oportunidades, visões, nuances e leituras que esses conteúdos podem oferecer para a formação tanto no meio acadêmico quanto no meio social.

A sala de aula é um espaço onde os alunos têm a oportunidade de aprender muito além do conteúdo disponibilizado nos livros didáticos e indicados na normativa e onde o professor tem o papel de ensinar os conteúdos designados pela BNCC levando o aluno a conectar o conteúdo aprendido com as suas experiências do dia a dia. Turra Neto (2013) aborda a importância dessa contextualização da seguinte forma:

E se pensarmos um ensino da Geografia contextualizado com a realidade dos educandos e educandas podemos (devemos?) considerar não só a dimensão mais material do seu espaço de vida, mas também as dimensões não-materiais, ligadas à cultura, que nos remeteriam a diferentes vivências do espaço, desembocando na constituição de formas de apropriação, circulação, demarcação de espaço-tempos, ou seja, modalidades e

constituição de territórios; o que, por sua vez, nos remeteria a considerações próprias do campo de uma Geografia Cultural e Social (Turra Neto, 2013, p. 39).

Quando os aspectos culturais são trabalhados em sala de aula e contextualizados de acordo com a temática trabalhada, esse fator contribui para a construção de identidade cultural dos estudantes dentro e fora da escola.

5. A IDENTIDADE E A CULTURA

Milton Santos (2000) afirma que identidade e cultura são conceitos que, desde a formação dos primeiros grupos sociais, dependiam um do outro, além de estarem conectados com a ideia de pertencimento e de domínio.

A identidade é responsável pela representação de características marcantes formadas por hábitos construídos através da herança cultural de determinado povo. Não existe território sem grupo social, não existe grupo social sem herança cultural, não existe herança cultural sem a formação de identidade. A relação desses conceitos é mútua e intensa.

A formação da identidade é elaborada por meio das experiências de cada indivíduo e esse fator contribui para a construção de diferentes significações das práticas, das diferentes interpretações dentro de um mesmo território, da multiplicidade de conceitos e ideias individuais. A partir do momento em que as “ideias individuais” se organizam, juntam-se e suas práticas se conectam e se completam, a identidade começa a ser tecida em uma rede complexa de marcas culturais que passam a ter um maior sentido e significado no coletivo. Essa construção demanda tempo para ser elaborada, pode ser moldada e re-moldada como afirma Nogueira (2016):

Os lugares não desapareceram, as paisagens não sumiram, elas se resignificaram assim como os lugares, os territórios conquistados são hoje reorganizados e ainda motivos de conflitos e de jogo de interesses econômicos, que são mediados pelo Estado. Mas, outros territórios se formaram e representam identidades culturais. A Geografia modifica-se a partir das transformações ocorridas nos modos de inserção dos homens nos espaços geográficos (Nogueira, 2016, p. 9).

Essa rede é fluida e pode ser tecida e destecida conforme o tempo, à predominância de práticas consideradas mais fortes dentro do território e da obtenção de espaço das novas práticas culturais sejam elas desenvolvidas pela ação do tempo ou por fatores externos.

5.1. Como os estudantes compreendem a Geografia Cultural

Compreender o papel da Geografia e quais assuntos essa ciência trata não é uma tarefa complexa para os estudantes. Durante a aplicação do questionário que contribui com esse estudo, foi perguntado aos estudantes quais assuntos da Geografia eles mais gostavam de estudar. Observando o registro de respostas dos alunos, essa questão que iniciava a investigação do papel da Geografia Cultural no ensino fundamental 2 era respondida com muita fluidez e naturalidade.

Respostas como “sistema solar”, “fuso horário”, “clima”, “relevo”, “dinâmica da Terra”, “população brasileira”, “países”, “planetas”, “agricultura” foram escritas rapidamente e demonstram que os estudantes compreendem qual o papel da Geografia e os assuntos que ela trata. Mas essa mesma fluidez e rapidez não ocorreu quando eles tiveram que responder sobre o que compreendem a respeito da “cultura” ou da “Geografia Cultural”.

A Geografia pode abarcar muito mais assuntos do que a BNCC define e pode refletir e ser refletida por meio das artes plásticas, do cinema, do futebol, de jogos, de cordéis e também pode utilizar esses mecanismos para abordagem dos conteúdos destacando a Geografia Cultural. Porém, por falta de espaço, essa abordagem não é praticada em sala de aula e perde a oportunidade de ser desenvolvida no meio educacional. Sobre esse fator agravante, Nogueira (2016) afirma que “A impressão que se tem é que num novo contexto histórico e acadêmico, a Geografia Cultural não teria mais espaço. Destituída de objeto de pesquisa e sem instrumentos para construir novos, ela tenderia a desaparecer”.

O público-alvo dessa pesquisa foram 39 alunos do ensino fundamental 2 (Tabela 6) de uma escola da rede privada localizada na comunidade do Vera Cruz área periférica do bairro de Aldeia e os estudantes tinham faixas etárias de 10 a 14 anos.

Tabela 6: Quantidade de estudantes entrevistados

Turma	Quantidade de alunos
6º ano	11 alunos
7º ano	16 alunos
8º ano	8 alunos
9º ano	4 alunos

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Entre os conteúdos apontados como os que eles mais gostam de estudar se destacaram: territorialização, biomas, distribuição populacional, clima, continentes, economia, globalização,, teoria da deriva continental, placas tectônicas, paisagem, cartografia, astronomia, ecossistemas, geopolítica, sistema solar, industrialização, comércio, fuso horário, relevo, agricultura, população brasileira, dinâmica da Terra, coordenadas geográficas e mapas.

Entre os 39 entrevistados, 10 afirmaram não ter compreensão da definição de cultura (quatro alunos do 6º ano, cinco alunos do 7º ano e 1 aluno do 9º ano), os demais escreveram o que entendem a respeito desse conceito (Tabela 7). O questionário utilizado para a coleta de dados da pesquisa possuía nove questões abertas com o objetivo de que os alunos pudessem expressar suas ideias livremente (Tabela 1).

Tabela 7: Respostas dos alunos para a pergunta “O que você entende sobre cultura?”

Aluno	Série	Idade	Resposta
A. G.	6º ano	12 anos	Histórias de antigamente.
B. S.	6º ano	11 anos	Que existem vários tipos de costumes e todos são diferentes.
H. V.	6º ano	10 anos	Eu acho que é a natureza.
J.H.	6º ano	10 anos	Costumes de pessoas de diferentes lugares assim como danças, músicas, comidas, festas etc.

J. R.	6º ano	11 anos	Capoeira.
K. K.	6º ano	11 anos	Que são coisas sobre nossos antepassados.
L. E.	6º ano	11 anos	Cultura são coisas que podem ser comidas, danças, hábitos etc.
A. G.	7º ano	12 anos	São práticas e tradições passadas de geração em geração.
A. V.	7º ano	12 anos	Comidas típicas pernambucanas e danças diferentes.
C. V.	7º ano	13 anos	Religião, hábitos e costumes.
E. M.	7º ano	12 anos	São tradições que se passam de geração em geração.
E. G.	7º ano	12 anos	Os hábitos, costumes, religião, arte de um determinado povo.
G. B.	7º ano	13 anos	Religião, hábitos, costumes.
G. L.	7º ano	12 anos	Que existem vários tipos de cultura como rural e urbana.
H. B.	7º ano	13 anos	A cultura está na arte, na dança e na comida.
L. V.	7º ano	13 anos	É um conjunto de costumes, religiões e tradições.
M. S.	7º ano	12 anos	Assunto sobre culinária, vestimentas, artes etc.
V. M.	7º ano	12 anos	Crenças, religiões, tradições, hábitos, culinária e várias outras coisas.
A. B.	8º ano	12 anos	A forma como as pessoas falam,
A. R.	8º ano	13 anos	Tradições, comidas típicas que são passadas de geração para geração.
C. I.	8º ano	13 anos	É a mistura de suas descendências, religião e vivências.
E. V.	8º ano	13 anos	Que devemos saber mais sobre os lugares através de pessoas ou até da internet.
F. A.	8º ano	13 Anos	Costumes e crenças de um povo.
K. I.	8º ano	13 anos	Cultura é meio que, exemplo: sou indígena. É meio que isso.
L. V.	8º ano	13 anos	Conjunto de hábitos e crenças. O que seria de um povo sem cultura?

L. M.	8º ano	13 anos	Culinária, música, modo de falar, gírias, lugares turísticos.
J. L.	9º ano	14 anos	Que é algo passado de nossas gerações, que é parte de quem somos hoje.
P. M.	9º ano	14 anos	Uma coisa que é passada de geração a geração e forma um povo.
P. V.	9º ano	14 anos	É a diversidade de cada grupo social, suas origens, costumes, culinária etc.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A partir das respostas dos estudantes a essa pergunta, é possível perceber que a maior parte faz a conexão do conceito *cultura* aos costumes ou tradições passadas de uma geração para outra dentro de determinado grupo. Esses costumes estão ligados à forma de falar, à culinária, religião, música, culinária, vestimentas ou arte. Porém estudantes como H.V. do 6º ano e K. I do 8º ano apresentam dificuldade na compreensão no que, de fato, é a *cultura* e não conseguem chegar a uma definição correta do conceito.

Por outro lado, quando foi perguntado o que os alunos compreendiam a respeito da Geografia cultural, os resultados foram mais alarmantes visto que mais da metade dos estudantes não sabem qual o papel da Geografia Cultural. Dos 39 entrevistados, 24 alegaram não saber qual a sua definição e apenas nove já ouviram falar a respeito disso. Ademais, quinze alunos responderam o que entendem por “Geografia Cultural” (Tabela 8).

Tabela 8: Respostas dos alunos para a pergunta “O que você entende por ‘Geografia Cultural?’”

Aluno	Série	Idade	Resposta
A.G.	6º ano	12 anos	Estuda os povos antigos.
J.R.	6º ano	11 anos	Estuda a cultura dos senhores de engenho e de Maculelé.
K.K	6º ano	11 anos	Que estuda sobre as culturas.

E.G.	7º ano	12 anos	O estudo das culturas das populações.
L.V.	7º ano	13 anos	O estudo das populações da terra e suas culturas.
V.M	7º ano	12 anos	O estudo sobre as culturas, tradições e que envolve as populações.
A.B	8º ano	12 anos	Estudo para entender a cultura de vários lugares.
A.R.	8º ano	13 anos	Uma área da Geografia que estuda a cultura de diferentes lugares.
C.I.	8º ano	13 anos	Estudo sobre a cultura na vida das pessoas.
E.V.	8º ano	13 anos	Que fala sobre a cultura da nossa cidade e país.
F.A.	8º ano	13 anos	Costume e crenças de um povo.
K.I.	8º ano	13 anos	Sobre o avanço da sociedade.
L.B.	8º ano	13 anos	Estudar os povos, seus hábitos, no que creem. Estudar a cultura de um país.
L.M	8º ano	13 anos	Estudar a cultura de diversos lugares.
P. V.	8º ano	14 anos	Área da Geografia em que se estuda a cultura.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A resposta dos alunos em relação à tentativa de definir o que sobre o que a Geografia Cultural aborda, reflete no que Turra Neto (2013) chama de “Geografia Cultural Tradicional” que tem como foco um conceito engessado de costumes e hábitos de um povo que é passado de geração. Para Turra Neto, esse tipo de abordagem limita o papel dessa vertente o impedindo de ser dinâmico e de fazer um elo com as demais áreas da Geografia.

Mas essa reprodução dos alunos com respostas muito próximas umas das outras, respostas mais “genéricas” é consequência da falta de abordagem da Geografia cultural dentro das escolas desde os primeiros passos dos estudantes dentro das instituições de ensino. A reprodução da definição de cultura ligada apenas aos hábitos, costumes, religião impede que o aluno perceba que a cultura pode estar ligada a questões políticas, territoriais, sociais ou a transformações e avanços tecnológicos.

Sobre considerar que aprender sobre as diferentes culturas é importante ou não, 34 alunos declararam que sim, enquanto 5 declararam que não. Os cinco estudantes que declararam que não consideram importante aprender sobre as diferentes culturas, justificaram suas respostas com a falta de interesse pelo assunto. Essa falta de interesse está fortemente ligada com a ausência de abordagem dos conteúdos em sala de aula, de atividades culturais dentro da própria escola e isso interfere e constrói barreiras para que os estudantes enxerguem que a Geografia Cultural possui uma abordagem séria, atrativa e rica como afirma Neto (2013):

A Geografia poderia desenvolver tanto uma leitura do lugar, quanto propostas de conteúdos curriculares que contribuam com a construção do Projeto Pedagógico da escola. Com isso, teríamos uma escola mais atenta e receptiva às identidades e territorialidades dos seus alunos e alunas jovens, mais preparada para contribuir com eles/as na construção de suas trajetórias de vida, em lugares transformados e re-significados (Turra Neto, 2013, p. 49).

Entre os estudantes que declararam o aprendizado de diferentes culturas importante, eles justificaram as suas respostas afirmando que iriam adquirir conhecimentos sobre as diversidades culturais no mundo. Além disso, eles iriam compreender a respeito das práticas culturais que o cercam, aprender a fortalecer os vínculos de respeito entre diferentes práticas culturais na sua comunidade além de valorizá-las. Esse pensamento fortalece a identidade cultural dentro da própria comunidade onde a escola está inserida. Pois a abordagem dessas práticas dentro daquele grupo social, facilitaria o entendimento dos estudantes a respeito dessa temática.

Um fator agravante para esse estudo é o fato de que todos os estudantes afirmaram que nunca tiveram aula de Geografia Cultural em sua carreira na escola, tanto os estudantes que permanecem lá desde a educação infantil, quanto os estudantes que foram transferidos de outra escola, porém, localizadas no mesmo bairro. Quando lhes foi perguntado sobre quais assuntos eles gostariam de aprender,

caso tivessem essas aulas as respostas foram: Culinária, desenhos, dança, Zumbi dos Palmares e capoeira, costumes de outros países, música e crenças.

Outra questão abordada foi se eles acham que a Geografia Cultural deveria ser mais valorizada nas escolas e, dos 39 entrevistados, apenas 2 alegaram que não, pois não acham o assunto interessante. Os 37 alunos que responderam “sim” alegaram que, por meio dessa vertente, eles aprenderiam mais sobre costumes e hábitos de outros povos, para compreenderem melhor sobre a própria Geografia Cultural ou para compreender os costumes que o cercam.

Sabe-se que a Geografia cultural vai muito além do que simples conceitos fixos, sua dinamicidade a torna intrigante e atrativa e pode ser aprendida e ensinada de diferentes maneiras como afirma Nogueira (2016):

A Geografia Humanista e Cultural de abordagem fenomenológica nos leva a pensar o ensino de Geografia tomando como ponto de partida o mundo vivido e experienciado por cada um de nós. Aqui o conhecimento do mundo adquirido ao longo da existência é valorizado enquanto verdade sobre os lugares, o ensino de Geografia nesta perspectiva nos permite pensar o mundo através da música, da poesia, pintura, do cinema, da literatura e das narrativas, pois acreditamos que todas as formas de linguagem e representação do mundo, fazem uma tentativa de compreender a relação dos homens com seus lugares, desta forma contém verdades. (Nogueira, 2016, p. 16).

O leque que a Geografia Cultural proporciona pode tornar as aulas mais atrativas além de trazer a realidade do aluno ligada aos conceitos aprendidos. Visando isso, os estudantes apontaram os assuntos que gostariam de aprender durante as aulas de Geografia e eles poderiam marcar mais de uma opção de seu interesse (Tabela 9):

Tabela 9: Pergunta: Quais temas deveriam ser mais estudados pela Geografia?

Tema	Quantidade de alunos
Culinária	19 alunos
Dança	19 alunos
Futebol	9 alunos
Jogos (Minecraft, Pokémon Go, Free Fire)	8 alunos
Obras de arte	16 alunos

Ritmos musicais (fornó, brega, samba)	11 alunos
---------------------------------------	-----------

Fonte: A autora (2024).

As possibilidades de temáticas culturais descritas nessa questão, permitiu que os estudantes pudessem analisar assuntos que poderiam ser abordados e discutidos durante as aulas de Geografia, além representar o leque de possibilidades que a Geografia Cultural permite aos estudantes. Esses temas podem ser abordados dentro da própria instituição ou em aulas de campo, sejam em museus, teatros ou nas manifestações culturais do próprio bairro.

As aulas de campo são de extrema importância no processo de ensino-aprendizagem pois, por meio delas, os alunos podem ter contato com um conteúdo mais “palpável” que a sala de aula, os *slides*, os vídeos ou os livros didáticos não podem fornecer. Moreira e Marques (2021) apontam a importância da aula de campo da seguinte forma:

Para muitos autores a aula de campo é definida como uma atividade extraclasse ou estudo do meio, este tipo de aula tem se tornado cada vez mais importante e frequente, para que o aluno entenda conceitos discutidos dentro das quatro paredes da sala de aula. Pois na aula de campo o aluno entra em contato direto e real com seu objeto de estudo, tornando esse tipo de aula uma metodologia eficaz. (Moreira e Marques, 2021, p.45139).

Em relação a esse ponto, dos 39 alunos entrevistados, 23 alegaram não terem participado de aulas de campo ou de atividades extracurriculares com temáticas relacionadas à cultura, enquanto 16 afirmaram que já tiveram participação em algum evento. Além disso eles relataram o que acharam dessa experiência (Tabela 10):

Tabela 10: Resposta sobre como foi a experiência nas aulas extracurriculares ou aula de campo com abordagem cultural

Aluno	Série	Idade	Resposta
J. R.	6º ano	11 anos	Legal, pois aprendi sobre instrumentos da capoeira.
M.P.	6º ano	11 anos	Foi muito legal!
M.S.	7º ano	12 anos	Legal, pois fomos ao museu.
L.V.	7º ano	13 anos	Foi muito boa!
G.R.	7º ano	12 anos	É muito legal ter essa experiência de conhecer novas coisas.
G.L.	7º ano	12 anos	Foi muito boa.

E.M.	7º ano	12 anos	Foi legal pois eu vi o pau-brasil e aprendi bastante sobre ele.
A.V.	7º ano	12 anos	Foi ótimo. Eu consegui aprender e entender de outras culturas além da minha.
A.C.	7º ano	13 anos	Foi única! Aprendi várias coisas legais sobre antigamente.
A.G.	7º ano	12 anos	Eu aprendi sobre a história do pau-brasil.
A.B.	8º ano	12 anos	Ótimo porque eu aprendi coisas que eu nunca soube.
C.I.	8º ano	13 anos	Foi bem legal!
E.V.	8º ano	13 anos	Eu achei muito legal e que as escolas deveriam fazer esse tipo de passeio para conhecermos mais sobre a nossa cultura. É superimportante para que a gente saia da nossa área. Eu já fui em um museu muito legal e aprendi coisas novas. Uma experiência incrível!
K. I.	8º ano	13 anos	Gostei muito. Tive uma vibe nova e conheci um pouco sobre cultura e história.
P.V.	9º ano	14 anos	Não lembro muito, pois faz muito tempo. Mas lembro que gostei bastante.
J.L.	9º ano	14 anos	Faz tanto tempo. Nem lembro muito.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Por meio das respostas dos estudantes, é possível notar o impacto positivo que as aulas extracurriculares causaram aos estudantes pois, além de ter sido vista como uma aula interessante, os estudantes alegaram aprender assuntos antes não vistos. Também é importante mencionar que a resposta da aluna E.V. do 8º ano reflete sobre a necessidade que as escolas têm em levar mais conceitos culturais para dentro da instituição, para dentro da sala de aula. Por meio de investimento em práticas culturais realizadas dentro e fora de sala, a formação da identidade cultural de cada estudante poderá, finalmente, ser construída.

5.2. Como o local onde a escola está inserida influencia na identidade cultural

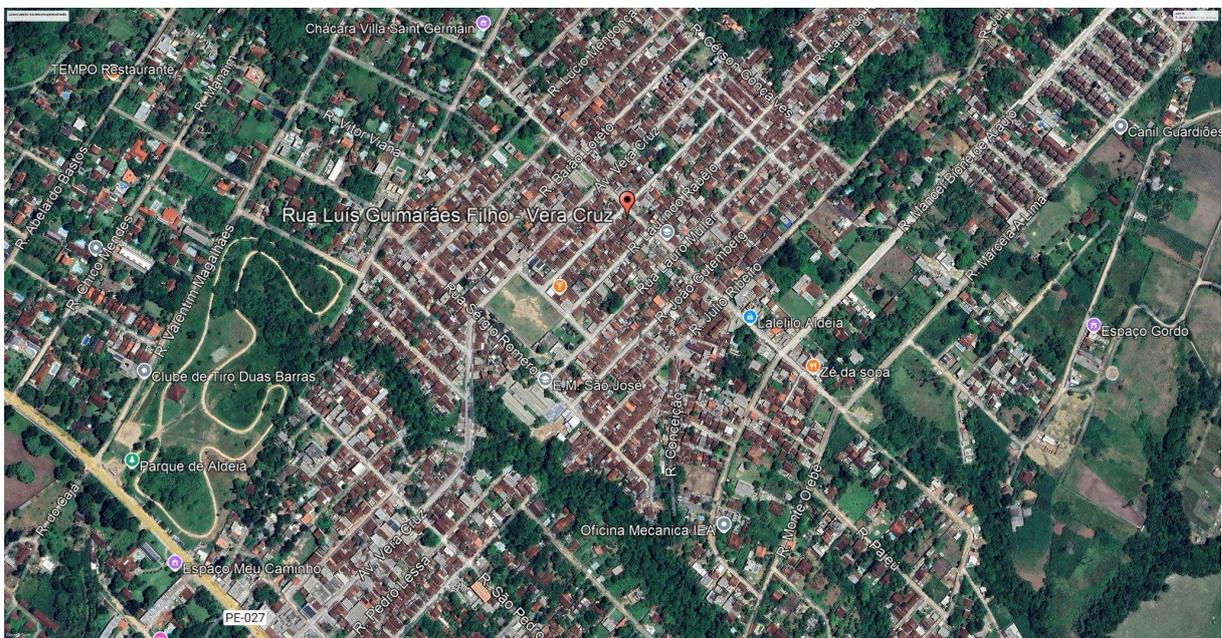
A escola é um ambiente de construção, de interação, de integração. Por meio desse espaço, os alunos conseguem construir seus aprendizados, vivenciar experiências, ser moldado por meio de novos saberes. Esses saberes não ficam apenas entre as quatro paredes da instituição, mas são levados para dentro da comunidade onde esse estudante está inserido. Heloísa Lück (2009) afirma que:

Os alunos são as pessoas para quem a escola existe e para quem deve voltar as suas ações, de modo que todos tenham o máximo sucesso nos estudos que realizam para sua formação pessoal e social. Para tanto, devem ser envolvidos em ambiente e experiências educacionais estimulantes, motivadoras e de elevada qualidade. (Lück, 2009, p. 21)

O local onde essa escola está inserida, tende a influenciar na formação da identidade cultural de cada aluno por meio das ações culturais que são oferecidas no bairro que marcam e territorializam aquele espaço.

A escola onde a coleta de dados da pesquisa foi realizada fica localizada no bairro de Aldeia - km 10, na comunidade do Vera Cruz, considerada uma área rural na cidade de Camaragibe-PE (Figura 1).

Figura 1: Imagem aérea de localização da escola pesquisada



Fonte: Google Earth Pro (2024).

A escola está inserida em uma área periférica do bairro (Figura 2).

Figura 2: Imagem aérea de localização da escola pesquisada



Fonte: Google Earth Pro (2024).

O bairro onde a escola está localizada é pertencente à Camaragibe o 35º município - que contém mais de 100 mil habitantes - mais violento do país, (Ipea 2022). Entre as ações sociais e realizadas no município, de acordo com o relatório da Fundação de Cultura de Camaragibe (2019), a maior parte é destinada à área central da cidade, em especial ao bairro de Vila da Fábrica e apenas duas ações culturais estão voltadas para o bairro do Vera Cruz: o “Natal Paz e Luz” e a “Formação do Coral Infantil da Escola Municipal São José” que fica localizada próximo à escola em que a pesquisa foi realizada. Essa questão repercute de forma negativa quanto a formação da identidade do indivíduo naquele determinado território visto que são poucas as ações culturais realizadas no bairro.

De uma forma tímida, existem algumas pequenas ações culturais não-oficiais gratuitas dentro da comunidade para adultos e adolescentes, mas que não recebem apoio da prefeitura da cidade para sua manutenção e permanência no bairro, como encontro de grupos de capoeira e de ciranda. Mas, devido à falta de divulgação e de investimento, essas atividades não conseguem chegar a um grande número de moradores da área.

Os estudantes da escola acabam por não ter acesso a práticas culturais dentro da comunidade e dentro da própria escola e esses fatores corroboram com a visão de que o conceito *cultura* não é importante e, mediante isso, tem-se uma dificuldade em

construir marcas importantes que refletem na identidade cultural dentro daquele determinado território. A comunidade precisa da escola para formar a visão de identidade desses jovens, a escola necessita da comunidade para o fortalecimento dessa identidade.

Neto (2013) afirma que:

[...] o papel da educação é a construção da identidade individual e coletiva do aluno e da aluna, além de projetar uma identidade para a nação e o Estado democrático e de direito. Este papel está vinculado com os conhecimentos da área das Ciências Humanas, na qual a Geografia está inserida. A esta disciplina caberia desenvolver sentimentos de pertencimento a identidades territoriais, por isso, conceitos de lugar, território e paisagem foram destacados (Turra Neto. 2013, p. 48).

A educação possui um grande papel nessa construção de identidade e a Geografia pode colaborar com a definição dos conceitos para uma melhor compreensão dos estudantes. Além disso, a presença da Geografia Cultural nas escolas pode garantir um fortalecimento nas práticas e visões culturais de cada estudante e isso pode refletir diretamente na comunidade em que esse estudante está incluído podendo construir novas identidades por meio das experiências vivenciadas na escola, em casa e na própria comunidade.

Devido à falta de espaço na BNCC da abordagem da Geografia Cultural, os estudantes mostram dificuldades em definir o conceito *cultura*, ou até de refletir sobre a sua própria cultura. Esse fator promove uma visão de pouca importância ou pouco interesse dos estudantes a essa temática. Por esse motivo, mesmo que “escondido” por trás de conceitos como “lugar”, “território” ou “paisagem”, a Geografia tem um árduo papel de construir pontes com pequenos fragmentos de “rochas culturais” para que os estudantes tenham acesso a questões intrigantes, completas e interessantes que a Geografia Cultural pode oferecer.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia Cultural é responsável por desconstruir conceitos fixos para construir novas percepções, visões, definições do mundo por meio de suas análises a respeito da relação espaço/homem analisando os costumes e práticas culturais realizadas dentro de um território.

A sua presença ou ausência nas redes de ensino trazem impactos significativos na construção da identidade do indivíduo dentro da escola que reflete no meio social ao qual está inserido. Se o indivíduo - no caso deste presente estudo os alunos do ensino fundamental 2 - têm acesso às vertentes que a Geografia Cultural disponibiliza, a formação de identidade desse aluno é construída de maneira gradativa dentro do espaço escolar e irá ajudar a contribuir com as características de determinado grupo dentro de uma comunidade colaborando para com a marcação daquele espaço geográfico o territorializando. Essa territorialização tende a demarcar aquele espaço com práticas e costumes que serão transferidos e transformados com o decorrer do tempo. Porém, se a escola não contribui para com essa formação deixando os agentes culturais “escanteados”, o indivíduo - nesse caso, o aluno - sente dificuldades em formar sua identidade e de conseguir definir a identidade do seu próprio povo passando a não dar importância às marcas que fazem parte do seu território.

Durante esse presente estudo, foi possível perceber que a ausência da Geografia Cultural no ensino fundamental 2 é decorrente a uma defasagem e da ausência dos conceitos de *cultura* como protagonista nas habilidades da Base Nacional Comum Curricular e que esse conceito se esconde em meio a outros - território, lugar, paisagem, espaço. Consequentemente, a abordagem dessa vertente dentro do ensino superior também ocupa um tímido espaço em grandes universidades públicas do país. Essa questão interfere diretamente no fato de muitos professores formados não fazerem uma abordagem cultural mais precisa e minuciosa visto que nem todos tiveram acesso à disciplina de Geografia Cultural durante a graduação já que ela não consta como obrigatória para alguns cursos de licenciatura.

Para que os estudantes manifestem o interesse por questões culturais na escola, ele precisa ser inserido em um ambiente escolar que proporcione manifestações e ações que tragam uma visão de relevância da cultura desde os primeiros anos de ensino, pois se a base (ensino fundamental) não é construída, o restante da estrutura fica completamente comprometido.

Mas essa abordagem mais incisiva da Geografia Cultural não depende unicamente da escola e dos professores, visto que a Base Nacional Comum Curricular contribui para a segregação da abordagem dessa vertente dentro das instituições de ensino fundamental 2. Para que se tenha um fortalecimento da Geografia Cultural no Brasil, será necessário criar habilidades dentro da BNCC que contribua para que os alunos passem a construir suas características por meio de suas práticas culturais

além de ajudá-los a identificar o importante papel da cultura na sua comunidade, no seu bairro, no seu espaço, no seu território, no seu país.

No dicionário Aurélio, a palavra “alicerce” significa “maciço de alvenaria sobre o qual se assenta a estrutura de uma construção, geralmente feito em cimento ou pedra; estrutura que sustenta uma construção: o primeiro passo é construir o alicerce”. Para que a Geografia Cultural ganhe espaço dentro das instituições de ensino, o “alicerce” precisa ser construído desde os anos iniciais na área da educação, para ser aprimorado nos anos finais, firmado no ensino médio e se tenha uma estrutura sólida no ensino superior. A importância do alicerce em uma casa deve-se ao fato de que, a partir de sua construção bem elaborada, toda a sua estrutura terá a garantia de uma construção firme, segura e estável. E, não, isso não faz apenas referência à construção de casas, prédios, monumentos; isso também faz referência à Educação.

REFERÊNCIAS

Aurélio. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>>. Acesso em: 12 set 2024.

Base Nacional Comum Curricular (**BNCC**). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>>. Acesso em: 22 set 2024.

Brasil. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, Distrito Federal: MEC, 2017. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79611-anexo-texto-bncc-aprovado-em-15-12-17-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192> Acesso em 25 set 2024.

CAMARAGIBE. **Prefeitura Municipal. Fundação de Cultura de Camaragibe. [Relatório geral de transição]**. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1-oXccqw6ia8_EiGSB9cLipEJ6QZPTfLH/view> Acesso em: 07 out. 2024.

CLAVAL, Paul. **Reflexões sobre a geografia cultural no Brasil**. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 8, 2013. DOI: 10.12957/espacoecultura.1999.7091. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/7091>> Acesso em: 10 set. 2024.

CAETANO, Jéssica Nene; BEZZI, Meri Lourdes. **Contribuições teóricas sobre geografia cultural: a evolução do conceito de cultura**. *Agência de Geografia e Estatística*, v. 38, n. 2, 2020. Disponível em: <<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/8408/5930>> Acesso em: 6 out. 2024.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Sobre a Geografia Cultural**. Disponível em: <<https://ihgrgs.org.br/artigos/contibuicoes/Roberto%20Lobato%20Corr%C3%AAa%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf>> Acesso em: 06 out. 2024.

Governo do Estado de Pernambuco. Secretaria da Educação. **Currículo do Ensino Fundamental do Estado de Pernambuco**. Recife 2020. Disponível em <<https://www.afogadosdaingazeira.pe.gov.br/selecao-simplificada/CURRICULO-DE-PERNAMBUCO-ENSINO-FUNDAMENTAL.pdf>>. Acesso em 25 de setembro de 2024.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2016.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (Ipea); **Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP)**. *Atlas da violência 2024: retrato dos municípios brasileiros*. Brasília, DF: Ipea, 2024. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/9277-atlasviolencia2024retratodosmunicipiosbrasileros.pdf>> Acesso em: 06 out. 2024.

JACKSON, Peter; COSGROVE, Denis; DUNCAN, James; DUNCAN, Nancy; MITCHELL, Don. **Debata sobre o artigo de Don Mitchell. Espaço e Cultura**, [S. l.], n. 8, 1999. DOI: 10.12957/espacoecultura.1999.7075. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/7075>> Acesso em: 6 out. 2024.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Atlas da violência 2024: retrato dos municípios brasileiros**. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/9277-atlasviolencia2024retratodosmunicipiosbrasileiros.pdf>> Acesso em: 1 nov. 2024.

Lück, Heloísa. **Dimensões de gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

MITCHELL, Don. **Não existe aquilo que chamamos de cultura: para uma reconceitualização da idéia de cultura em geografia**. Espaço e Cultura, [S. l.], n. 8, 2013. DOI: 10.12957/espacoecultura.1999.7074. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/7074>> Acesso em: 02 set. 2024.

MOREIRA, Gileno Santos.; MARQUES, Roseane Neves. **A importância das aulas de campo como estratégia de ensino-aprendizagem/ The importance of field classes as a teaching-learning strategy**. *Brazilian Journal of Development*, [S. l.], v. 7, n. 5, p. 45137–45145, 2021. DOI: 10.34117/bjdv.v7i5.29366. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/29366>> Acesso em: 7 set. 2024.

TURRA NETO, Necio. **Geografia cultural, juventudes e ensino de geografia: articulações possíveis**. Formação (Online), [S. l.], v. 1, n. 20, 2013. DOI: 10.33081/formacao.v1i20.2651. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/2651>> Acesso em: 6 out. 2024.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. O Ensino de Geografia e os desafios para uma abordagem cultural e humanista. **PORTUGAL, Jussara Fraga. OLIVEIRA, Simone Santos de. Formação e docência em Geografia: narrativas, saberes e práticas**. Salvador: EDUFBA, 2016.

ORNELLAS, J. F. DE; SILVA, L. C. **O ENSINO FUNDAMENTAL DA BNCC: proposta de um currículo na contramão do conhecimento**. Revista Espaço do Currículo, v. 12, n. 2, 26 maio 2019.

POLLICE, Fabio. **O papel da identidade territorial nos processos de desenvolvimento local**. Espaço e Cultura, [S. l.], n. 27, p. 7–24, 2010. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/3539>> Acesso em: 6 out. 2024.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **O ensino de geografia e os desafios para uma abordagem cultural e humanista**. Salvador, 2016. Disponível em: <https://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467678546_ARQUIVO_textoENG.pdf>. Acesso em: 10 set 2024.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SÊNECA. **Pensador**. Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/NjYzMg/>>. Acesso em: 20 set. 2024.

SOUZA, Suliman Sady; OLIVEIRA, Iana Raquel Dantas de; PEREIRA, Jeremias Rocha; DE PAULA, Joseara Lima. O pensamento de Friedrich Ratzel e suas contribuições metodológicas para a geografia. *Élise: Revista de Geografia da UEG*, v. 12, n. 1, p. 20, jan./dez. 2023. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/13993>> Acesso em: 10 set. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Grade Curricular - Licenciatura em Geografia (Diurno)**. Salvador: UFBA, 2023. Disponível em: <<https://geografia.ufba.br/GRADE%20LICENCIATURA%20DIURNO.pdf>> Acesso em: 20 set 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Grade Curricular - Bacharelado em Geografia**. Salvador: UFBA, 2023. Disponível em: <<https://geografia.ufba.br/GRADE%20BACHARELADO.pdf>> Acesso em: 20 set 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Grade Curricular - Licenciatura em Geografia (Noturno)**. Salvador: UFBA, 2023. Disponível em: <<https://geografia.ufba.br/grade%20licenciatura%20noturno.pdf>> Acesso em: 20 set 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Geografia**. Goiânia: UFG, 2015. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/51/o/PPC_Geografia_2015_-_Licenciatura_IESA_UFG_-_atualizado_07maio2019.pdf> Acesso em: 20 set 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Geografia - D 20139**. Belo Horizonte: UFMG, 2022. <Disponível em: https://www.igc.ufmg.br/wp-content/uploads/2022/09/Geografia_D-20139.pdf> Acesso em: 20 set 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. **Perfil 2202 - Período**. Recife: UFPE, 2022. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/documents/39419/0/Perfil+2202+per%C3%ADodo/a0117e9a-8667-4a1c-a697-b9fba5a9a695>> Acesso em: 20 set 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. **Perfil - Geografia - Bacharelado**. Recife: UFPE, 2021. Disponível em:

<<https://www.ufpe.br/documents/39415/0/PERFIL+GEOGRAFIA+BACHARELADO/a4f61349-c5f8-420b-ae1c-16b9ba839753>> Acesso em: 20 set 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. **LECgeo** Disponível em: <<https://www.ufpe.br/dcg/lecgeo/sobre>>. Acesso em: 20 set 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Currículo do Curso**. Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em: <<https://geografia.paginas.ufsc.br/files/2012/03/GEOGRAFIA-curriculo-20071.pdf>> Acesso em: 20 set 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. **Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Geografia**. Manaus: UFAM, 2014. Disponível em: <https://d71b8c6b-c971-42b6-abed-b233d376e4b9.filesusr.com/ugd/b64541_e4725608d3b84c3dad804682e76e4a01.pdf> Acesso em: 20 set 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Grade Curricular**. Curitiba: UFPR, 2013. Disponível em: <<https://geografia.ufpr.br/wp-content/uploads/2013/04/Grade-Curricular.pdf>> Acesso em: 20 set 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Plano de Adaptação das Disciplinas Optativas**. Curitiba: UFPR, 2019. Disponível em: <https://geografia.ufpr.br/wp-content/uploads/2013/04/SEI_23075.084365_2019_29_Plano-de-adapta%C3%A7%C3%A3o_optativas.pdf> Acesso em: 20 set 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Lista de Cursos - Repositório Curricular**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2024. Disponível em: <<https://siga.ufrj.br/sira/repositorio-curriculo/ListaCursos.html>> Acesso em: 20 set 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Grade Curricular**. Porto Alegre: UFRS, 2024. Disponível em: <<https://www1.ufrgs.br/PortalEnsino/GraduacaoCurriculos/plone.php?r=relatorio&curso=331&habilitacao=104&curriculo=288>> Acesso em: 20 set 2024.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Grade Curricular - Geografia**. São Paulo: USP, 2024. <Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/listarGradeCurricular?codcg=8&codcur=8021&codhab=200&tipo=N>> Acesso em: 20 set 2024.